

# COLHEITA DE CAFÉ

FLAVIO M. DE TOLEDO PIZA

O grande problema da lavoura de café, problema que se agrava á medida que os mercados exigem cafés finos, é o de *colhêr no tempo*. O "ideal" seria fazer a colheita enquanto todo o café se acha em cereja ou começando a escurecer, desprezado, bem entendido, o fruto de floradas antecipadas que já estará secco inevitavelmente, ou terá caído, tendo sido levado para casa nas varreções. Como, porém, esse ideal é praticamente irrealisavel, todo o esforço deve tendêr para uma colheita o mais rapida possivel. Não começar muito cedo para não têr cafés verdes que venham comprometer a bebida produzida. Não terminar muito tarde para evitar que os ultimos cafés fiquem tempo no chão, para impedir que o fruto "passe" do ponto na arvore, para não ser atrapalhado pelas primeiras chuvas, etc. Terminando-se a colheita cêdo tem-se ainda a vantagem de ficar com a colonia desocupada para outros serviços, aproveitando-se o trabalho das mulheres e creanças (que, sendo brasileiras, raramente procuram ajudar o chefe da casa, ganhando alguma cousa) na catação manual do café beneficiado, medida necessaria por não termos todo o café colhido a dêdo, como o têm outros paizes.

Para conseguir uma colheita rapida é preciso ter na fazenda uma colonia enorme. Esse colosso de gente, si fosse tratar somente de café, teria tão poucos pés por enxada que a sua subsistencia seria impossivel. Mesmo que o lavrador dê-se muita terra para plantações, o problema ficaria na mesma: — com quê viveria o colono até colhêr seus mantimentos? Devido a sua instabilidade e nenhuma capacidade de previsão não ha quasi colonos que tenham com o que viver alguns mezes. Arranjar serviço para toda essa gente fóra do cafesal quando

as carpas estivessem prontas é outra cousa quasi impossivel já de saída e perfeitamente impraticavel ao fim de um ou dois anos:—a adubação estaria em dia e as fontes de esterco exgotadas, exigindo espéra; os pastos estariam completamente limpos; o cafesal estaria tão “areado”, tão despraguejado, que viria agravar o problema, tornando cada vez mais rapidas e intervaladas as carpas.

Associar ao café, na mesma fazenda, uma outra cultura, que, deixando livre a época da colheita, fosse capaz de dar trabalho a todo esse pessoal, não seria difficil. O que, hoje, proíbe uma tentativa nesse sentido é a falta de mercado e de transporte. Não temos quasi estradas de ferro, achando se as fazendas em grande parte longe délas. Não temos siquer estradas de rodagem, mas apenas picadões, municipaes ou particulares, esburacados, com atoleiros nas chuvas, tempo em que a grande maioria fica intransitavel. Em uma semana dão cabo da mais bem ajustada “carrosserie” de Fordinho Desprezando-se o fator transporte, teremos o mercado:—como concorrer com a produção de outras procedencias, e de trabalho mecanico? Seria preciso mecanisar a nossa industria acessoria. Ora, por muito tempo ainda, isto será um sonho, levando-se em conta a capacidade da imensa maioria, da quasi totalidade dos operariõs que mourejam na lavoura de café.

O remedio que ha é procurar contratar pessoal avulso durante a colheita. E' um sistema desastroso, mas não ha outro. Como este elemento avulso não tem mesada de colono durante a colheita, os lavradores lhes pagam mais por sacco colhido. O que acontece é que o colono, que quasi nunca tem o que perder, sai de onde está para ir ser empreiteiro em outra fazenda, o que traz uma completa desorganização do serviço todo.

Outro sistema que entrou na moda, ha alguns anos, é o de justar empreiteiros com grandes turmas e pô-los a derriçar o cafesal emquanto a colonia vae abanando, sempre com redução no preço do sacco. Como esta redução não compensa o que ganha o empreiteiro, ha um aumento no preço da colheita. E ha peor:—si sobrevêm dois ou três dias de chuva e a colonia fica por uma semana impossibilitada de de abanar, e

não sendo possível deixá-la em casa sem trabalho, não ha outro recurso sinão pô-la a derriçar tambem. Como as turmas de empreiteiros não abanam, o resultado é que quando a colonia voltar a levantar já será difficil alcançar a derriça. A cada chuva que viér, ou se dispensam partes das turmas, para de novo justá-las quando o café todo fôr levantado, ou então cada vez será maior a quantidade de cafesal que ficará com a carga no chão, a se estragar.

\* \*

Foi procurando minorar esses e outros muitos inconvenientes que experimentámos uma maquina de abanar café. Adotámos um abanador "S. Paulo", tipo 2, de capacidade calculada para quatrocentos alqueires, mas de que se não devem exigir mais do que trezentos. A força requerida é de 1 C. V.

Como temos que mover secadores, não levamos o abanador para a roça. Deixamo-lo no terreiro, acionado pelo mesmo motor das outras peças. Levaram-nos a esta resolução mais dois fatores:—primeiro a conformação acidentada do terreno, que torna difficil o transporte da maquina e muito cara a sua "instalação" em cada etapa que percorrer pelos carregadores. Em segundo lugar, é um problema difficilimo, aqui pela Noroeste, encontrar um homem que lide bem com maquinas, que tenha zêlo, seja obediente e ativo, e tenha capacidade para compreender bem o "porquê", o "fim" de um serviço, afim de o conduzir sensatamente, sem fazer belezas como a de um administrador, aqui da zona, que fez uma varreção no cafesal, secou o café e poz numa tulha. Fez a colheita, lavou o café, secou o "boia" e misturou-o com o da varreção, sob o argumento de que ambos vieram secos da roça. Ora, ter um homem nos secadores outro na maquina de beneficio, outro, á noite, nos secadores, nas safras grandes e, ainda um quarto na roça, com o abanador, é quasi um absurdo. A solução seria deixar o ultimo a cargo do homem da séca, trazendo o café sujo da roça. Encarece um pouco o carreto, mas isso é amplamente compensado por não precisar de um maquinista na roça e pela melhor conservação da maquina, não só pela maior habilidade do camarada como por evitar sôcos e desconjuntamentos pelos carregadores.

O serviço da abanadeira é bom. Deixa no café menos

cisco do que o geral dos colhedores, desde que não se exijam déla mais que 300 alqueires. A moega onde se vai despejando o café é pequena, mas facil de aumentar para ter sempre uma boa quantidade em deposito. Isso evita que, com a diminuição da entrada de café em um momento de descuido do camara-da, o vento léve alguns grãos para o cisco. Para quem fizer instalações definitivas o problema é simples, bastando alimentar a moega com um elevador ou arrastador. O café, já separado, por ventilação, das folhas e ciscos leves, vem cair em uma peneira movel, onde vasa, deslizando os gravetos e ciscos graúdos até fóra da maquina. No ponto inicial da peneira, onde cái o café, é preciso pôr uma chapinha de folha para evitar que os cavacos e páus que caiam em pé, varem pela peneira.

O motor que usamos, ha cinco anos, é um trator "Fordson" acionado por gazogenio a carvão. Os gazogenios são bastante conhecidos para que seja necessario decrever aqui o que usamos, marca "Jahú". Tem a melhor qualidade que se pode exigir de um motor:—força barata. Em dez horas de serviço gasta dois sacos de carvão, ou, ás vezes, dois e pouquinho. Os sacos são dos usados em embarque de café, bem cheios. Não contando o preço da lenha bruta (preço que não sabemos avaliar porque a temos muita e não conseguimos até hoje vendê-la devido á distancia) o saco de carvão nos fica a 2\$000 posto no saco que é da fazenda, e junto ao "forno". Suponhamos que o carroto, á distancia de 1 ou 2 kilometros, com carro de bois, fique em \$200 o saco. Imaginemos a depreciação dos sacos:—como é um homem que faz o carvão, faz "fornadas" pequenas, exigindo o carroto cerca de 30 sacos usados, de custo be 1\$600. Para encurtar vamos dar 2\$500 como preço do saco de carvão.

O trator gasta dois sacos, mas vamos por, com largueza, 2 1/2, ou sejam 6\$220. Mais meio litro de gasolina para dar as partidas são 1\$000. Gasta de oleo cerca de 150 cm<sup>3</sup>., ou \$375. A limpeza diaria das velas, etc. exige de 100 a 150 cm<sup>3</sup>. de kerozene. Vamos dar tudo como 8\$000.

Ao lado dessa enorme vantagem, tem um inconveniente: a rotação, por vezes, desuniforme. Bem regulado ele não a

muda espontaneamente. Mas todas as vezes de abastecer a fornalha a quantidade de ar que vae junto com o carvão produz uma diminuição violenta de rotação. Felizmente, em 30 segundos mais ou menos, tudo se normaliza. Mas nesse meio minuto é inevitavel: vem cisco no café que está sendo abanado.

Além disso é preciso muito cuidado, si o trator fica perto do abanador, para evitar que alguns pedacinhos de carvão se misturem com café que por acaso caia pelo chão.

Outra cousa: quando se tiver que trabalhar dia e noite com dois "chauffers", é preciso que só um deles faça a limpeza no trator, ao começar e ao deixar o serviço. Do contrario, no fim de um ou dois dias, carburador, distribuidor, bobinas, etc., tudo estará desregulado e cada qual empurrará a culpa sobre o outro.

Vamos esquecer que o trator move dois, trez ou quatro secadores, que ocupam cada um 1 C. V., ao mesmo tempo que a abanadeira que ocupa 1 C. V. Vamos debitar os 8\$ de custeio a esta. Além disso ella precisa de um homem para carrega-la e um para receber o café abanado e leva-lo para onde se deseja (1). São mais 10\$ por dia. Como o "chauffeur" que lida com o trator é o mesmo que olha os secadores, vamos debitar á abanadeira a metade do seu ordenado, 5\$000. Ao todo 23\$000. Si abanarmos 300 alqueires, cada um nos ficará em 77 réis. Si abanarmos duzentos, 115 réis. Si tivermos nas colheitas 100 alqs. diarios, e não quizermos guardar café sem abanar de um dia para outro, a abanação ficará em 230 réis o alq. Si, nas colheitas maximas, tivermos 600 alqs. por dia, com dois abanadores, cada alq. nos ficará em 55 réis, porque o custeio do trator e o ordenado do "chauffeur" serão os mesmos. Mais barato ainda devia ficar si tivessemos, neste caso, um só abanador de maior capacidade.

\*  
\*\*

Façamos, agora, outro calculo.

Em um cafesal cujos pés não sejam desmedidamente grandes, um homom pode derriçar 50 pés por dia. Si a carga for

(1) Estes dois homens serão reduzidos a um desde que se tenha um arrastador ou elevador para receber o café abanado e leva-lo para os secadores ou para o terreiro.

regular, isto é, de 130 a 140 alqs. por mil pés, esse mesmo homem abana, si for bom peneireiro, uns 100 pés por dia, (2) o que dá uns 6 ou 7 sacos diários. Esse mesmo homem pôde levantar ao redor de 12 sacos si recebermos dele o café sem-abanar. Ele o sacudirá sobre a peneira, vasando a terra. O cisco graúdo fica sobre o café e ele o tirará com a mão. Não dará nenhuma peneirada para o ar. Nada de engolir terra, o que torna o trabalho mais suave e hygienico. Por este sistema o homem poderá levantar no minimo 150 pés diariamente.

Nessa proporção, em uma colheita comum, si levamos 90 dias de serviço, temos que dar 60 dias para a derrça e 30 para o levantamento. Si, levantando 100 pés por dia leva-se 30 dias a abanar, levantando 150 levaremos 20 dias. Teremos feito a colheita em 10 dias menos.

Para 200.000 pés de café teriamos os seguintes dados:

	Derrça diária (pés)	Levanta- mento diário (pés)	Colheita media diária (pés)	N.o de ser- viços ne- cessarios para colher 200.000 pés	N.o de ser- viços ga- nhos no fim da colheita	N.o de pes- soas neces- sarias para colher 200 mil pés em 90 dias
Sem abanador	50	100	33,3	6006	—	66,7
Com abanador	50	150	37,5	5333	673	59,2

Todos estes dados variam muito de zona para zona, de fazenda para fazenda. Na mesma propriedade variam amplamente de um ano para outro, conforme a qualidade do pessoal de que se dispõe. Além disso, calculámos uma safra de 130—140 alqs. por mil pés. Mas em geral essa media não se verifica. Ou temos colheita muito grande ou muito pequena. Neste ultimo caso o trabalho é mais rendozo porque é possivel fazer a colheita com a população normal da fazenda e esta pô-

(2) Tomo como base para este calculo o que faz a generalidade dos fazendeiros da No-  
roeste — uma varreção, rarissimamente uma 2.a varreção e depois a derrça de todo o fruto  
restante. Quanto maior o numero de varreções, quanto menos derrça, mais vantajoso se torna  
o processo que aqui preconizamos.

de ser selecionada desde alguns mezes. Nas safras grandes a eficiencia é pessima. O elemento avulso mais andejo, menos afeito ao trabalho, menos dedicado ainda do que o "colono", traz uma quebra sensivel no rendimento do trabalho.

\*  
\*\*

Ganhando dez dias na colheita poderemos ter salvo uma fortuna. Basta uma semana de chuva sobre um café que já está ha algum tempo no chão, para desvaloriza-lo por completo. Só este desastre atingindo 20 mil pés, (é o que se colheria nos ultimos dez dias, si os não houvessemos economizado) ou sejam 2.800 alqs. (mais au menos 2.000 arrobas) e havendo uma desvalorização insignificante de 1\$000 por arroba, teriamos cerca de 2:000\$ de prejuizo. Si abanarmos toda a produção de 200 mil pés, 28.000 alqs. a \$100, teremos gasto 3:800\$. Isso sem contar com o aumento de trabalho que esse café "chuvado" requer para a séca, a catação, etc.

Por isso é que aconselhamos, incessantemente, esse processo de colheita.

Ha ainda outra vantagem para o lavrador que deseja melhores tipos de café. As grandes turmas dos empreiteiros de derriça não abanam nem procuram aprender a abanar café. Toda esta gente pode ser aproveitada para levantar café sem abanar. Si vêm alguns dias de chuva, emquanto esta cãe e emquanto se espera enxugar o chão, não se podendo deixar parados os operarios que abanam, tem-se que os pôr a derriçar. Quando eles voltarem a levantar não alcançarão mais os derriçadores. Si houvesse outros serviços na fazenda seria preferivel perder alguns dias de colheita para evitar a derriça. Mas em geral esta coincidência é rara, e si existisse não deixaríamos de estar perdendo tempo. Com o processo que aconselhamos pôde-se parar a derriça e levantar todo o cafesal. Isto é de um valor incalculavel. Outra cousa: não se abanando, pôde-se esperar menos dias depois de uma chuva para recommear a levantar. O café pôde vir um pouco mais humido. E é mais um dia ganho.

Deve-se, mesmo, desde já, ir procurando pagar ao colono para levantar o café sem abanar. Emquanto o uso não se generalisar, emquanto houver a desconfiança com que todo o o-

perario recebe qualquer novidade partida do lavrador, deve-se pagar o preço que todos pagam e abanar por nossa conta. Depois, com o tempo, poder-se-á, si se quiser, descontar pelo menos parte da abanação do preço do contrato. Com o aperfeiçoamento das maquinas e com a substituição dos homens que carregam e descarregam a abanadeira por elevadores e condutores, o preço não poderá passar de \$050. Um colono colhendo, em media, pelo nosso calculo, 33.3 pés diarios, terá cerca de 4,5 alqs., que a \$800 lhe darão 3\$600, Si, com o auxilio do abanador, ele colhêr 37,5 pés, terá 2,25 alqs, que a \$750 darão 3\$940. Ganhará maior salario por um trabalho mais limpo, mais facil, menos exaustivo.

O preço que fizemos, de \$800 ou \$750 é um preço "teórico". Na pratica é preciso lembrar-se que um alqueire de café sujo não é mais um alqueire. Portanto, seria preciso calcular, jogando com grande numero de experiencias, qual a porcentagem de quebra, e daí deduzir o novo preço. Como esse processo iria dar, aparentemente, uma diminuição no preço do alqueire; como deixar cada vez mais cisco no sacco para enchê-lo depressa seria o primeiro ato do colono; e como abanar e depois pagar o numero de alqs. limpos é impraticavel —tomamos outro caminho: passamos a pagar por pé.

Conhecendo bem a lavoura toda, observando continuamente a produção de todos os talhões, não é difficil fazer um calculo muito aproximado da safra cuja colheita se vai iniciar. Feito este calculo com metodo, quasi que rua por rua, tira-se de fóra o cafesal a ser colhido pela colonia (si é o caso de ainda se ter contratada por sacco) e divide-se o preço em que ficariam todos os alqs. colhidos pelo numero de pés a se colherem.

Tendo as turmas grandes o habito de derriçar por pé, habito que já penetrou na cabeça de todos os camaradas, é mais facil empreitar com elas a derriça e o levantamento sem abanar. Dá-se, porém, um fato: si nas colheitas pequenas é facil obter colhedores por mil pés, nas grandes safras já ha certa difficuldade Parece-nos haver para isto duas explicações. Primeiro: geralmente o lavrador paga menos por alqueire nos annos de safra grande. E é logico: havendo mais café é mais fa-

cil apanhar e recolher um alqueire. Baseando-se nesse menor preço para dele tirar o preço por pé, é natural que este ultimo seja relativamente á carga, menor que os preços adotados na colheita pequena. E com isso o empreiteiro não se entusiasma. O segundo motivo é estarem todos os lavradores pagando para o empreiteiro "derrigar" para a colonia levantar, como condenámos atraz. Não pagando eles ao derrigador somente aquilo que diminuem no preço do colono, mas sim, muito mais, vê-se logo que ha razão para levarmos desvantagem.

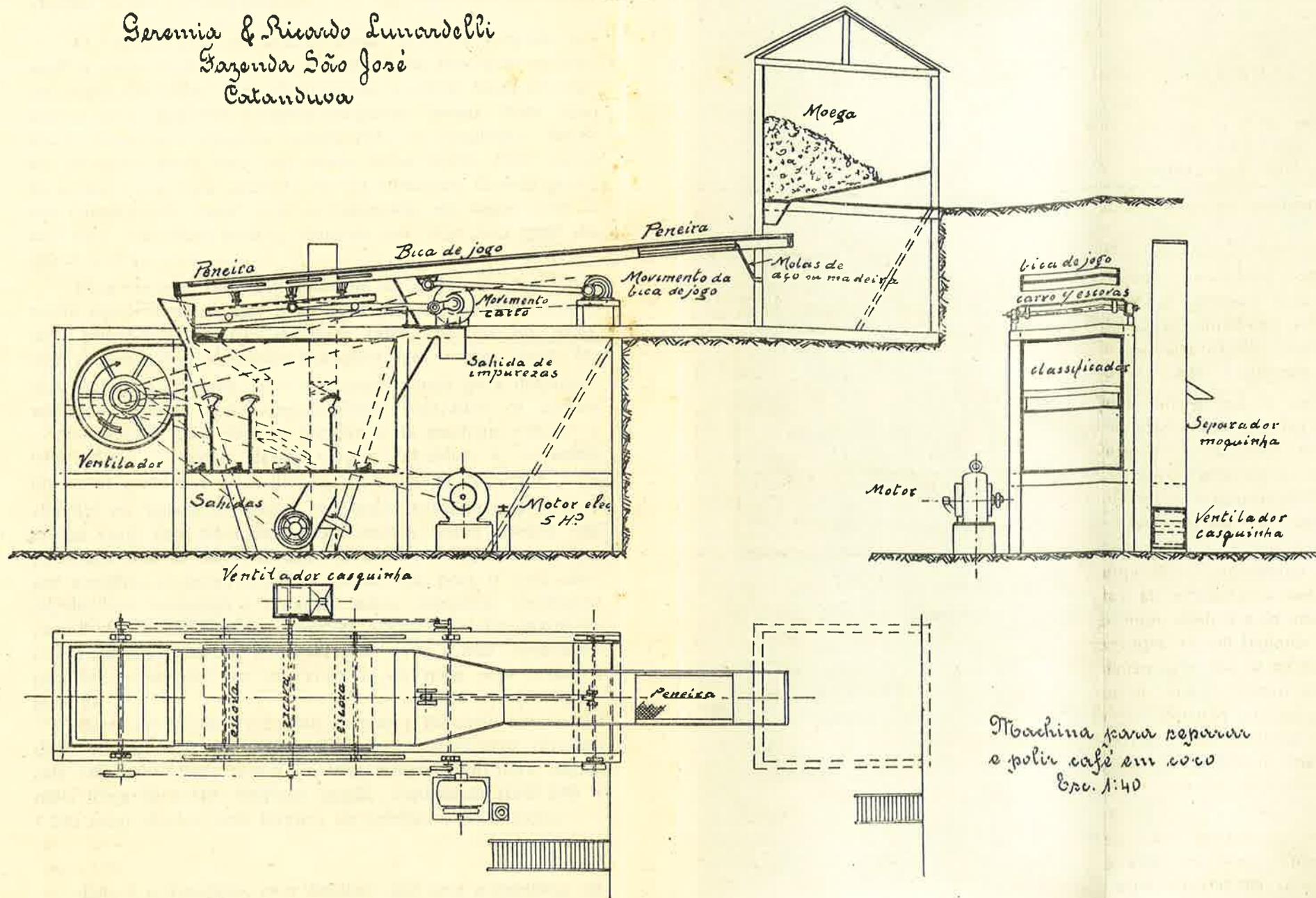
Ha ainda, um terceiro fator, de ordem psicologica: com a sua capacidade pouco afeita a calculos, impressiona o a quantidade. Observamos, todos os dias, mudanças de turmas que deixam uma fazenda para irem, em outra, colher, carpir, co-roar, derrigar menor porção por maior preço, de forma a terem a mesma diaria. Mudam para ficar na mesma, perdendo tempo e dinheiro com a mudança. Isso faz com que nas grandes safras (desprezados os que não abanam) eles priferam colher, ganhando o mesmo, muitos alqueires em vez de poucos pés. Nas pequenas colhem muitos pés em vez de poucos alqueires.

Desde, porêm, que se generalize o sistema de abanar o café á maquina, para apressar a colheita, esses motivos e esses preconceitos do operario irão desaparecendo.

Nas zonas velhas, de pessoal mais adextrado e mais estavel a tendencia será para os pequenos abanabores, que serão entregues ao colhedor. Em muitos casos essas maquinas podem ser até de propriedade do operario, como em varias fazendas, onde os colonos tratam do cafesal com planets, carpideiras, burros e arreios de sua propriedade. De qualquer das duas formas a colheita terá todas as probabilidades de ser feita por alqueire.

Nas zonas novas, com o pessoal destreinado, sem desembaraço no trabalho, sem capacidade para zelar por uma maquina e muito menos para compreender a sua utilidade e saber tirar proveito; zonas onde o operario não "esquenta logar" possuido de um nomadismo irrefreavel — o lavrador é que terá de abanar o café. A tendencia será, aí, cada vez mais, a de pagar a colheita por pé de café.

Geremia & Ricardo Lunardelli  
 Fazenda São José  
 Catanduva



Machina para separar  
 e polir café em coco  
 Esc. 1:40